SÃO BRAZ
produtos de qualidade

FIEPB Federação das Indústrias do Estado da Paraíba

O opinião
abelardo Jurema
Todo mundo lê!

Os leitores que desejarem obter a versão impressa da Coluna Abelardo, gratuitamente e em tamanho natural, é só comparecer ao nosso escritório, na Av. Senador Ruy Carneiro, nº 300, Sala 04, Miramar, João Pessoa, em horário comercial.
Contatos WhatsApp: 99302-0005

Direção: *Abelardo Jurema*
Editoração: *Sidney Guerra*

Ano 51 - Publicação 16.131 - Edição On-line - 1.961 | PARAÍBA | Segunda-feira, 10 de Agosto de 2026 | ***Opinião edição 331***

Carlos Pereira
Engenheiro e escritor
cpcsilva15@gmail.com

A bênção, meu pai

Na véspera de ano novo era sempre o mesmo ritual. Ele saía de tarde, mas no anoitecer já estava de volta. Tinha ido fazer as visitas que, todos os anos, no último dia, constavam de sua agenda. Dentre elas, destacavam-se o sítio de João Lima, na Torre e a barbearia de Seu Amâncio, em Jaguaribe - estas eram obrigatórias e demandavam algum tempo, pois durante horas os acontecimentos mais importantes do ano eram repassados, entre goles de um café tão forte que era "cortado na faca", como se dizia.
De volta à casa, ele por assim dizer se ausentava de todo o movimento que ali se desenvolvia, nos preparativos para a virada do ano. Começavam a chegar os primos, os tios e os seus dependentes, enchendo a pequena vivenda de um burburinho já esperado. Alguns traziam bolos confeitados, outros contribuíam com garrafas de guaraná e sempre alguém - com mais posses - se encarregava de uma garrafa de cidra, espumante que há muito tempo substitui a champanhe na mesa dos menos afortunados.
Quando era chamado a dar algum palpite (e isso ocorria raras vezes), o fazia com algum vacilo. Decididamente, não era um homem afeito aos festejos, muito menos os do fim de ano, quando preferia o silêncio de uma meditação que só muito tempo depois eu soube porquê. Ficava recolhido a algum canto da casa e, quando muito, se dava ao trabalho de ligar o velho rádio Phillips holandês, buscando mais alguma informação sobre o fim de ano noutros paises, principalmente na Rússia de onde transmitia, com um som claro e forte, a famosa Rádio Central de Moscou. Ali era possível saber que, apesar da perseguição de Stalin, a Igreja Católica ainda conseguira celebrar, com maciça presença de fiéis, a missa do Galo, na belíssima Basílica de São Petesburgo, cidade que o comunismo reduzira ao nome pouco aceito de Leningrado.
Os minutos iam passando e a meia-noite se aproximava. Os mais velhos já estavam tomando bons goles de cerveja, enquanto nós, crianças e adolescentes enchíamos a pança com bolos e guaranás, esperando a hora de saborear aquele gostoso peru que só minha mãe sabia fazer.
Quando faltavam cinco minutos para a virada do ano, o Departamento de Serviços Elétricos da Capital (DSEC) dava o primeiro aviso: produzia um pisca-pisca na energia indicando que, dentro de poucos minutos, a cidade ficaria no escuro por alguns momentos, assinalando a entrada do novo ano. As pessoas começavam a se abraçar, algumas choravam, outras sorriam e todas corriam para o jardim da casa para ver os fogos que alguns vizinhos do bairro tinham prometido espocar.
Meia noite, a cidade escurecia por segundos e a sirene da Portela, no seu som estridente, anunciava que um novo ano estava começando. Beijos, abraços, votos de felicidades e a volta à mesa para a ceia em que não podiam faltar o peru (já citado), a farofa, o arroz branco, a macarronada e uma gostosa galinha (escolhida a dedo no garajau do quintal), cujos pedaços preferidos eram a sobre-coxa, o peito assado e a moela - entre outros menos votados.
Enquanto tudo isso acontecia, onde ele estava? Procura daqui, procura dali e vou encontrá-lo como sempre ocorria em todos os anos: isolado de todos, ajoelhado diante de uma mesa em que repousava a imagem de uma santa (não sei bem qual) ao lado de duas velas acesas. Num silêncio absoluto de um quarto quase escuro, ele fazia as suas orações, numa meditação que poucos entendiam. Chamado a participar da festa, ele somente ia ter com todos, quando terminava o seu ritual, do qual nunca se afastou em todos os fins de ano que passei ao seu lado.
Depois que os circunstantes saíam, a calma voltava à casa e ele se recolhia, de novo, ao quarto e escrevia coisas que não deixava ninguém ler e que ele chamava de "reminiscências".
Assim era o final de ano do meu pai, um bom homem que, quando morreu, há 36 anos, foi recebido pelo Senhor que, no céu, disse a Pedro (repetindo o que já acontecera com Irene, de Manoel Bandeira):
-Pedro, abre a porta pra Seu Benedito. Está chegando um homem de bem...
Neste segundo domingo de agosto como faço há alguns anos, antes de dormir vou passar o dia procurando por ele. Sei que não vou conseguir encontrá-lo, mas vou ler alguma coisa na sua cadernetinha de anotações que está comigo. E, de frente para o seu retrato que guardo como relíquia no meu gabinete de trabalho E' como se estivesse conversando com ele, vestido num sóbrio terno de linho diagonal branco e gravata escura, chapéu ramenzoni na cabeça e um olhar cândido em um rosto de homem bonito. Aquele homem de bem que tanta falta me faz.
A bênção, meu pai querido. Não sei em que parte do céu o senhor está, nem se por aí se comemora o dia dos pais, mas de todo o coração eu continuo a lhe repetir; eu sempre te admirei, meu pai querido...
E saiba que a sua ausência me dói muito e que o amo cada vez mais.

Lincoln Cartaxo
Advogado, administrador e escritor
lincoln.consultoria@hotmail.com

A força da fé

Triste daquele que perder a fé. Pois a esperança e a força interior diminuem diante dos problemas da vida, quando você se agarra ao poder da fé.
Mas a fé não está necessariamente ligada à religião. A palavra, que tem origem no latim "fides" e significa confiança absoluta, pode estar conectada a várias coisas da vida. Dá para ter fé na ciência, por exemplo, durante a pandemia da Covid-19, quando o mundo aguardava ansioso uma solução, muita gente falou publicamente que confiava na capacidade dos cientistas de criar rapidamente uma vacina contra a doença.
Como também é possível ter fé na educação e acreditar que ela pode sanar boa parte dos problemas da humanidade. Tal como na arte, que pode deixar a vida das pessoas melhor. Sem falar na fé em si mesmo, quando cremos fortemente na nossa capacidade de enfrentar os desafios.
O poder da fé é a força interior que traz confiança, esperança e superação diante das dificuldades da vida. A crença firme em algo que não se pode ver com os olhos. A energia que ajuda a não desistir nos momentos ruins. A atitude de dar passos mesmo sem saber o final.
Segundo censo de 2022, no Brasil, 56,7% da população declaram ter fé na religião católica, 26,8% de evangélicos, 1,8% de espíritos, 1% de pessoas com fé em religiões de matriz africana (umbanda e candomblé). Já 4,44% afirmam ter outras crenças.

Pincei uma declaração interessante feita pelo babalaô Manoel do Congo, ao afirmar que "A fé é como uma luz que mora dentro da gente". E continua: "Às vezes, a gente precisa caminhar por um caminho difícil e parece que estamos sozinhos. Mas, mesmo sem conseguir explicar, sentimos que existe algo que nos acompanha, nos protege e nos dá coragem para continuar. Essa certeza faz com que o medo fique menor e o coração fique mais tranquilo".
Jesus nos fala com segurança e beleza sobre a fé inabalável, esta virtude sublime que, ainda pequenina como um grão de mostarda (uma das menores sementes que existem), consegue o resultado a que se almeja, em razão das forças que faculta e da inspiração que propicia ao ser humano.
Credo. Chamo a atenção para a fé cega (perigosa) que elimina o pensamento crítico, gerando vulnerabilidade à manipulação, dogmatismo radical e negação de fatos reais. Ela anula a razão e impede o questionamento saudável de ideias e líderes.
Já é proverbial esse tipo de fanatismo que cria intolerância contra quem pensa diferente ou apresenta evidências lógicas e científicas contrárias. Muito comum àqueles que seguem a ideologia xiita.
Assim, a fé é algo presente, ao mesmo tempo completamente invisível. Ou melhor: uma decisão, um caminho, uma busca para enfrentar os desafios da vida. Eu provavelmente nem estaria escrevendo estas linhas se não tivesse a fé. Cada hora, cada dia, a gente precisa ter a fé. Sim, eu perco tudo, mas não perco a fé.
Termino este texto da mesma forma que comecei: triste daquele que perder a fé!

Fluência e compreensão

Josinaldo Malaquias
Advogado e Jornalista
Me. em Ciência da Informação
Doutor em Sociologia
Pós-Doutor em Direito
josinaldomalaquias@gmail.com

Tornou-se comum e óbvio o desinteresse pela leitura em qualquer circunstância. Preconiza-se, cada vez mais, o fim do livro físico. Diz-se que tudo orbita em torno do livro digital. É verdade. Ocorre que a coisa mais rara de se ver é uma pessoa, um jovem, sobretudo, lendo e interessando-se pela leitura escrita digitalizada, haja vista que para se ler e compreender um texto é preciso pensar, ou seja, ter capacidade de abstração.
Com o advento da sociedade de informação, redundada na inteligência artificial, a quantidade de estímulos, sobretudo os visuais, levam à saturação e à consequente perda de concentração, haja vista que tudo é resumido e simplificado. A capacidade de abstração está em cerca de vinte segundos, conforme dados não tão recentes. Daí comerciais visuais ou escritos não ultrapassarem este interregno temporal.
Sem fluência, a compreensão de um texto torna-se impossível. Irritou-me, confesso, uma senhora com formação acadêmica completa lendo um texto balbuciando, feito uma criança aprendendo a juntar as sílabas. Quando esta terminou, elogiei o autor e falei da pertinência das colocações. Constatei que a mesma não havia compreendido absolutamente nada do que acabara de ler.
Em cinema de shoppings desta cidade inexiste, praticamente, salas destinadas aos filmes legendados. Quase todas exibem películas dubladas, haja vista a perda paulatina da capacidade de ler as legendas, para desespero dos professores de línguas estrangeiras que estimulam a escuta, até inconsciente, dos sons emitidos pelas falas dos atores nativos do idioma ensinado. ´
O problema é grave, pois acredito que sem a capacidade de ler e compreender um texto perde-se a capacidade da imaginação criativa, indispensável à afirmação do sentido da vida.

Maria das Graças Santiago
Escritora e Membro da Academia
mgpsantiago@gmail.com

Os mistérios de Clarice

Em Clarice Lispector obra e pessoa se confundem. Ambas são enigmáticas, belas e surpreendentes provocando, nos que se aproximam, uma sensação hipnótica e inquietante. Clarice fala tudo sobre o aparente nada, desvenda mistérios, amalgama sonho e realidade e faz da palavra, ao mesmo tempo, o meio e o fim. Fatos do quotidiano ou inquietações metafísicas surgem, de forma cristalina, como se jorrassem sem qualquer esforço de uma fonte pura e permanente. Ler Clarice é penetrar nos mistérios da alma, notadamente da alma feminina. Seus personagens são projeção do seu mundo interior e, ao que parece, acompanham as suas mudanças de vida, transformadas em criaturas cheias de mistérios, dualidades, contradições. Crescem, amadurecem e envelhecem com ela. Joana de "Perto do Coração Selvagem" é uma mulher jovem - como a escritora era à época - que se desencontra dos outros para encontrar-se consigo mesma. Virginia, de "O Lustre", tem sentimentos rebarbativos, medos e audácias, ódios e amores que se enleiam. Nela há uma permanente sensação de inquietude refletida na atmosfera densa do romance que é, sobretudo, um mergulho no mundo interior. Virgínia é uma jovem cheia de perplexidades e indagações existenciais. Em "A cidade sitiada" encontramos Lucrécia que, mesmo não tendo consciência disto, vive bloqueada. O romance foi escrito em Berna, na Suíça e, numa crônica, publicada no Jornal do Brasil, Clarice afirma: "Berna é uma cidade livre, por que então eu me sentia tão presa, tão segregada?" e é este o estado de espírito que ela transmite em São Geraldo a cidade que se entrelaça com Lucrécia personagem que grita em silencio a sua inconsciência. Assim, sucessivamente, desfilam as marcantes figuras femininas. GH, Lori, Vitória, Cândida Raposo e tantas outras, cada uma trazendo um pouco de Clarice até chegar a Ângela Pralini, fusão de Eros e Thanatos, que sabe que vai morrer e se prepara para isto.
Em 10 de dezembro de 1920 nasce em Tchetchelnik, pequena província da Ucrânia uma menina que recebe o nome de Chaya Pinkhasovna Lispector. Chaya significa "vida", mas tem, também, a conotação de "animal" no idioma local. Para escapar aos horrores da revolução bolchevique e dos pogroms fatais aos judeus a família de Chaya emigra para o Brasil, aportando em Maceió em 1922.
A primeira coisa que a menina ucraniana perde ao chegar, é o nome de batismo. Aqui passa a ser Clarice a filha mais nova de Pinkhas, agora Pedro Lispector. Depois de três anos em Maceió, tentando a vida como mascate, Pedro se muda com a família para Recife, cidade que a caçula adota como sua terra natal. Logo cedo a menina decide ser escritora, escolhendo a palavra como arma para vencer o destino, e é através dela que preenche suas lacunas, recria a vida e fala ao mundo das suas inquietudes. Num exercício de memória ancestral imbui-se do significado do seu primitivo nome e deixa correr solto o animal que traz em si. Talvez, por isso, na sua terna, rude e surpreendente "A Paixão segundo GH" tenha escolhido uma barata, inseto repugnante e execrado por todos os humanos, para salvar GH da sua pequenez fazendo-a encontrar o sentido de estar viva.

Palmari Lucena
Escritor e pesquisador
palmariescritor@gmail.com

O Mundo como Palco

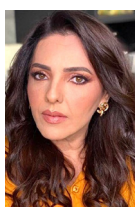
Numa cidade ainda marcada pelo compasso dos sinos e pela sombra dos casarões, uma peça escrita na Espanha do século XVII encontrou abrigo entre as pedras barrocas de João Pessoa. Naquela noite da década de 1950, o adro da Igreja de São Francisco deixou de ser apenas espaço de passagem, devoção ou memória. Tornou-se cenário de uma ideia persistente: a de que a vida humana é uma representação transitória diante do tempo.
A escolha de O Grande Teatro do Mundo, de Pedro Calderón de la Barca, parecia menos uma decisão artística do que uma inevitabilidade. Poucos lugares acolheriam com tanta naturalidade a alegoria barroca do dramaturgo espanhol. Diante da fachada franciscana, onde pedra e fé dialogam há séculos, a fronteira entre espetáculo e realidade tornava-se tênue.
O público talvez não soubesse que assistia a algo maior que uma encenação. Via o encontro de duas heranças culturais, separadas por oceanos e séculos, mas unidas pela mesma pergunta: qual é o sentido dos papéis que desempenhamos ao longo da vida?
O barroco sempre desconfiou das aparências. Sua arquitetura, literatura e visão de mundo lembram que toda grandeza é provisória. Nada dialogava melhor com a peça de Calderón, na qual reis, camponeses, ricos e pobres atravessam o palco da existência apenas pelo tempo necessário para cumprir seus papéis.

Vista hoje, aquela apresentação pertence a um período em que o teatro ocupava o centro da vida cultural da cidade. Antes da televisão dominar as casas e da dispersão digital fragmentar a experiência coletiva, o espetáculo teatral reunia gerações em torno de uma reflexão comum sobre a condição humana.
Na João Pessoa dos anos 1950, o teatro participava da formação intelectual da cidade. Grupos amadores, estudantes, professores, jornalistas e artistas encontravam nos palcos um espaço de experimentação e reflexão, aproximando a capital paraibana dos grandes movimentos culturais sem perder sua identidade.
A encenação ganhava força pelo diálogo entre texto e lugar. À medida que os atores ocupavam o adro, a Igreja de São Francisco parecia integrar-se ao espetáculo. Seus contornos barrocos transformavam-se em cenário vivo para uma obra sobre o destino humano, a passagem do tempo e a fragilidade das distinções sociais.
Nenhum recurso cenográfico competiria com aquela arquitetura. O céu servia de teto, as pedras antigas tornavam-se testemunhas e a cidade desaparecia por instantes. O público era convidado a uma meditação coletiva sobre a existência.
Décadas depois, a peça continua oferecendo perguntas resistentes ao tempo. Em uma época marcada pela velocidade da informação, pela cultura da imagem e pela ilusão da permanência digital, a reflexão de Calderón permanece atual. Continuamos desempenhando papéis sociais, profissionais e afetivos, construindo identidades e perseguindo reconhecimento.
A diferença é que os palcos se multiplicaram. Estão nas redes sociais, nas telas dos celulares e nos espaços virtuais onde a vida contemporânea acontece. Ainda assim, permanece a mesma pergunta: o que realmente resta quando termina a representação?
Talvez por isso certas obras atravessem os séculos sem perder relevância. Não oferecem respostas definitivas; iluminam questões que cada geração precisa enfrentar.
Quando a apresentação terminou naquela noite dos anos 1950, os espectadores voltaram para casa. As luzes se apagaram, as vozes silenciaram e o adro retomou sua quietude.
Mas algo permaneceu.
Permaneceu a percepção de que a existência humana é feita menos de permanências do que de passagens. Reis e trabalhadores, sábios e anônimos atravessam o mesmo palco, submetidos à mesma condição transitória.
Como sugere Calderón de la Barca em O Grande Teatro do Mundo, Deus é o Autor, o mundo é o teatro e cada vida representa um papel que ninguém pode desempenhar em seu lugar.
Talvez seja essa a razão de a encenação permanecer viva na memória cultural de João Pessoa. Não apenas pelo valor histórico ou pela beleza do cenário barroco, mas porque recordava uma verdade que atravessa os séculos: o espetáculo termina, as gerações passam.
O que permanece é a forma como ocupamos a cena enquanto as luzes ainda estão acesas.

Aniversariantes Segunda-10|08|2026

ADÉLIA Moreno

FERNADO Lianza Filho



GIANNINA Petrucci

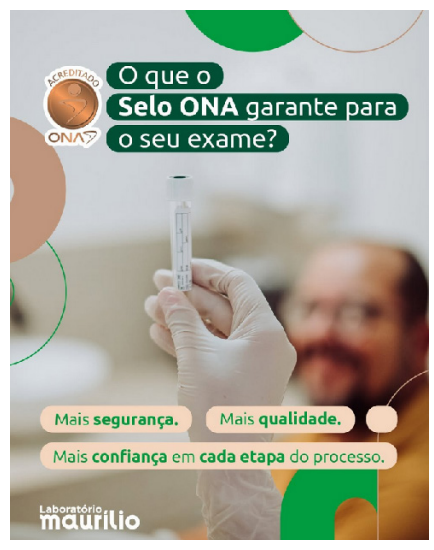
André Montenegro Henriques, Anny Santtos, Cássio Santiago Chagas, Ernesto Falcone, Fernanda Ferreira, Giany Camêlo Camêlo, Gil Nóbrega, Gilberto Ferreira Guedes, Larissa de Alencar Sobral, Marcelo Walber Procópio, Marina Bichara Sobreira, Marynara Carneiro, Matheus Furtado, Mirella Cartaxo, Odisa Araújo, Rawellington Marcio Soares Morais, Roberto Wagner Mariz, Suely Nunes Simões, Tata Baracuhy e Wanessa Targino Brito

INÁCIO Gouveia

JUAREZ Augusto

TATHIANA Alcântara

SINDUSCON-JP
Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa



* As opiniões, comentários e anúncios veiculados nesta publicação são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, não refletindo, necessariamente, a posição do editor.

Sicredi
Sicredi Evolução
A maior instituição financeira cooperativa do Nordeste
sicredi.com.br/evolucao
(83) 2107-3600